

Gênero e cuidado: A enfermagem como uma profissão predominantemente feminina

Giovana Bonfim Viana

Giulia Davi Ribeiro

As mulheres das camadas sociais menos privilegiadas, ou seja, de menor poder aquisitivo, nunca foram alheias ao trabalho. Mesmo antes da revolução industrial, muitas trabalhavam realizando atividades no campo, atividades artesanais e manufatureiras como tecer e fiar roupas e trabalhando na área de serviços, prestando atenção às lojas e mercados.

Considerando as barreiras de gênero e as condições da época, as mulheres em geral não possuíam vastas opções de trabalho. Muitas delas passaram a atuar na indústria têxtil ou nos cuidados com os feridos de guerra, atividade essa que deu início ao reconhecimento da enfermagem enquanto profissão.

Mesmo mais de 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e após diversas mudanças estruturais no mercado de trabalho da sociedade contemporânea, a enfermagem continua marcada pela predominância do gênero feminino em sua força de trabalho. Em 1985, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) evidenciaram que 94,1% dos profissionais de enfermagem no Brasil são mulheres. Trinta anos depois, em 2015, esse dado foi reduzido apenas em 9,5%, ou seja, o COFEN evidencia que 84,6% dos profissionais de enfermagem são mulheres.

Considerando as ponderações previamente expostas, o presente estudo se aprofunda nos motivos pelos quais a enfermagem se tornou uma profissão predominantemente feminina. Para isso, utilizou-se como metodologia uma revisão de literatura de caráter exploratório, comparando e analisando estudos disponíveis na íntegra com a finalidade de responder à pergunta norteadora “Por que a enfermagem é predominantemente feminina?”. A pesquisa ocorreu no mês de setembro de 2023. O estudo foi dividido em três categorias, sendo elas: A relação entre as mulheres e o cuidado, enfermagem e mulheres e o cuidado e a enfermagem.

Foi possível observar que, mesmo antes de ser considerada profissão, a enfermagem já era associada ao cuidado. Na idade média, as viúvas e virgens que se consagravam a Deus dedicavam seu tempo cuidando de doentes, pobres e idosos nas igrejas. Além disso, eram atribuídas certas atividades às mulheres dessa época que reforçam a imagem feminina como um ser amoroso e cuidadoso por natureza, como cuidar da casa e dos filhos, realizar tarefas domésticas e preocupar-se com o bem estar dos indivíduos que compunham sua família.

Foi apenas durante a Guerra da Criméia que Florence Nightingale, considerada fundadora da enfermagem moderna, ganhou destaque em seu trabalho cuidando de efermos e feridos. Uma vez que fez-se notar o diferencial da presença da figura de uma enfermeira em situações bélicas, foi se ressaltando e dando mais destaque ao papel da enfermagem enquanto profissão detentora de metodologias e tratamentos específicos.

Florence, diferente de muitas mulheres daquela época, fazia parte de uma família com poder econômico, social e político destacado, o que lhe proporcionou uma educação com base privilegiada - algo incomum para muitas mulheres que estavam voltadas à vida doméstica. Este poder econômico e conhecimento de Florence concedeu visibilidade e valorização dos cuidados de enfermagem na época e, ao passo que o reconhecimento científico foi sendo conquistado, metodologias e formas de tratamento foram sendo desenvolvidas e aprimoradas. Esse avanço no campo científico fortaleceu o entendimento da enfermagem como uma ciência e posteriormente uma profissão, pois até então o cuidado estava relacionado apenas à obras de caridade.



O início da enfermagem enquanto profissão ocorreu então devido à uma mulher que, com seus conhecimentos, otimizou a forma de cuidar, tornando-se responsável por salvar e melhorar incontáveis vidas. Isso mostra que, semelhante ao papel que a mulher ocupava nos séculos passados, a enfermagem tornou-se uma profissão diretamente ligada ao cuidado com outro ser.

Uma das mais importantes enfermeiras brasileiras, Wanda Horta, considerada uma figura importante na enfermagem até hoje, definiu a enfermagem como uma “ciência e a arte de assistir o ser humano no atendimento de suas necessidades básicas, de torná-lo independente desta assistência através da educação; de recuperar, manter e promover sua saúde”, mais uma vez deixando evidente que sempre quando mencionada, a enfermagem vem associada a ideia do cuidado.

O cuidado da enfermagem consiste na essência da profissão e pertence a duas esferas distintas: uma objetiva que se refere ao desenvolvimento de técnicas e procedimentos, e uma subjetiva, que se baseia em sensibilidade, criatividade e intuição para cuidar. Essas duas esferas proporcionam, respectivamente, formas para o desenvolvimento científico e social da enfermagem. Vale ressaltar também como a segunda esfera é o que conecta a predominância da mulher à enfermagem, já que se a profissão fosse apenas baseada em técnicas e procedimentos, provavelmente ela seria mais diversa entre os gêneros.

Quando se fala em cuidado, a figura da mulher é naturalmente identificada no imaginário social como responsável, sob a justificativa dos “atributos femininos” serem mais adequados para tais tarefas. Em contrapartida, a figura masculina sempre esteve ligada ao papel de provedor do lar e das necessidades da família. Assim, constata-se que a sociedade estabelece atividades diferentes para homens e mulheres.

Por isso, vale ressaltar, que mesmo que a enfermagem seja reconhecida como profissão e ciência, muitas mulheres ainda enfrentam sobrecarga de uma dupla jornada de trabalho, por realizarem seu trabalho remunerado juntamente com as tarefas domésticas, além de carregarem consigo estereótipos e paradigmas da profissão.

Por fim, é possível concluir que a prática de cuidar como habilidade exclusiva ou predominantemente feminina é uma construção social, histórica e cultural cuja origem e constante atualização devem-se às diferentes instituições, em especial à família e à escola. Isso porque a construção da ideia de que a mulher é responsável pelo cuidado vem de ensinamentos passados de muitas gerações e que foram se adaptando às diversas mudanças estruturais de cunho social e mercadológico no decorrer da modernidade, culminando na associação direta da mulher às atividades da enfermagem.

Ao ser socialmente concebida como profissão de mulheres e para mulheres, a enfermagem foi incorporando a prática do cuidar enquanto campo de domínio próprio. Sabe-se que as atividades envolvidas na enfermagem sempre apontaram para a noção de cuidar e que, historicamente, culturalmente e socialmente, essa ação sempre esteve ligada às mulheres, justificando o motivo pelo qual a enfermagem é uma profissão majoritariamente feminina e evidenciando o ponto de interseção entre a mulher e a enfermagem: o cuidado.

Palavras-chave: Enfermagem; Gênero; Cuidado.